

Tales Faria

Reforma de Lula centraliza o poder

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pretende, a partir desta semana, acelerar o processo de reforma ministerial. A ideia é marcar encontros com os ministros que ainda deverão deixar seus cargos para anunciar os substitutos.

Lula já fechou os nomes de oito pastas, faltam 13. Na maioria dos casos, os ministros que deixam os cargos participarão da escolha dos novos ocupantes. Com isso, o novo ministério será majoritariamente composto por técnicos de segundo escalão que já dividiam a gestão com os políticos titulares.

Um exemplo é Dario Durigan, secretário-executivo do Ministério da Fazenda, que substituiu Fernando Haddad (PT) no comando da pasta. Haddad deixou o cargo na quinta-feira, 19. Concorrerá ao governo de São Paulo em chapa que terá a ministra do Planejamento, Simone Tebet, como candidata ao Senado. Tebet deixará o MDB rumo ao PSB.

Durigan não tem o mesmo peso político de seu antecessor, o que ocorrerá com todos os técnicos que assumirem. A Esplanada dos Ministérios ficará, então, com seu perfil alterado e o poder concentrado no Palácio do Planalto.

Uma exceção é a secretária-executiva do Ministério da Casa Civil, Miriam Belchior, que substituirá Rui Costa (PT) e terá muito poder. Embora seja considerada uma técnica, ela é muito ligada ao presidente Lula. Com longa experiência política no PT de São Paulo, funcionará como pivô na distribuição das ordens do presidente à nova equipe ministerial.

Outra exceção é Olavo Noleto, que comandará a pasta das Relações Institucionais no lugar de Gleisi Hoffmann (PT). A ministra concorrerá ao Senado pelo Paraná. Noleto não ocupa a Secretaria-

-Executiva do Ministério. É secretário-executivo do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social e Sustentável, mas já transita no núcleo de negociação do governo há tempos, o que mantém a estratégia de priorizar quadros técnicos com experiência interna.

As pastas com nomes praticamente definidos são: Transportes, com George Santoro, no lugar de Renan Filho (MDB); Meio Ambiente, João Paulo Capobianco, substituindo Marina Silva (Rede); Desenvolvimento Agrário, com Fernanda Machiaveli na vaga de Paulo Teixeira (PT); Indústria e Comércio, com Márcio Elias Rosa no lugar de Geraldo Alekmin (PSB); e Portos e Aeroportos, com Tomé Barros Monteiro da França cotado para o lugar de Silvio Costa Filho (Republicanos).

Há ainda pelo menos outros 12 ministérios cujos titulares deverão deixar as pastas, mas que, como Simone Tebet, não definiram seus substitutos.

O presidente Lula quer anunciar a troca depois de acertar com cada ministro, mas a ideia é seguir o mesmo processo daqueles que já foram definidos: um nome técnico escolhido em acordo entre o atual titular da pasta e o Palácio do Planalto.

Os ministérios cujos substitutos ainda não foram definidos são:

Planejamento (Simone Tebet), Educação (Camilo Santana), Cidades (Jader Filho), Empreendedorismo (Márcio França), Igualdade Racial (Anielle Franco), Minas e Energia (Alexandre Silveira), Pesca (André de Paula), Agricultura (Carlos Fávaro), Povos Indígenas (Sônia Guajajara), Previdência (Wolney Queiroz), Esportes (André Fufuca), Integração Regional (Waldez Góes) e Direitos Humanos (Macaé Evaristo).

Luciana Brites*

Inclusão escolar exige mais do que presença em sala de aula

O Dia Internacional da Trissomia do Cromossomo 21 (T21) é celebrado em 21 de março, data que representa a presença de três cromossomos no par 21. Instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU), a data tem como objetivo combater o preconceito, promover a conscientização e ampliar oportunidades de inclusão, assegurando direitos fundamentais como acesso à educação, saúde e trabalho.

Embora seja mais conhecida como Síndrome de Down, o termo mais adequado é Trissomia do Cromossomo 21 ou T21, pois descreve a condição genética real ao invés do nome do médico. A condição não é uma doença, mas pode estar associada a algumas particularidades físicas, cognitivas e de saúde.

O diagnóstico pode ser realizado durante a gestação, por meio de exames de pré-natal. Entre as características físicas mais comuns estão baixa estatura, olhos amendoados, face achatada, dedos curtos e língua proeminente.

As condições de saúde mais frequentes são atraso no desenvolvimento, cardiopatias congênitas, problemas auditivos, visuais e na coluna, alterações na tireoide e distúrbios neurológicos. O acompanhamento médico multidisciplinar é fundamental para a qualidade de vida.

Na inclusão escolar, pessoas com T21 podem apresentar Deficiência Intelectual, que pode gerar dificuldades na aprendizagem relacionadas à linguagem, raciocínio lógico e memória. Esses aspectos influenciam no processo de escolarização e tornam

essencial a adaptação de estratégias pedagógicas às necessidades individuais.

No processo de alfabetização, existe o mito de que métodos baseados no reconhecimento visual de palavras inteiras sejam mais eficazes. Pesquisas recentes indicam que a instrução fônica, com ensino sistemático e explícito das relações entre letras e sons, apresenta melhores resultados a longo prazo, mesmo que seja mais lento e precise de mais repetição.

Outras orientações pedagógicas incluem o uso de lápis mais grossos ou adaptadores, devido à hipotonia muscular, dificuldade na coordenação motora fina. Na matemática use materiais concretos, pois ela exige capacidade de abstração e raciocínio lógico. Esses recursos ajudam a contextualizar e compreender.

Incluir não é garantir a presença na sala de aula, mas oferecer condições necessárias para que todos aprendam, participem e se desenvolvam. Conviver com pessoas com a Trissomia do Cromossomo 21 reforça que a diversidade é parte essencial de uma educação mais justa e que todas as crianças possuem necessidades educacionais que devem ser respeitadas e atendidas.

***Luciana Brites é CEO do Instituto NeuroSaber, psicopedagoga, psicomotricista, mestre e doutoranda em distúrbios do desenvolvimento pelo Mackenzie, palestrante e autora de livros sobre educação e transtornos de aprendizagem.**

Luciana Santos*

O lugar da mulher brasileira é na ciência

A ciência brasileira já tem rosto de mulher. Hoje, elas são a maioria entre estudantes e titulados em mestrado e doutorado no Brasil e representam 54% dos pesquisadores do País. Porém, a nossa presença em áreas como Tecnologia, Engenharias e Matemática ainda é limitada, assim como as oportunidades de progressão na carreira científica e de acesso a uma remuneração justa e equivalente à dos homens.

Apesar dos avanços nos últimos anos, o chamado “efeito tesoura”, que reduz a participação feminina ao longo da progressão na carreira, nos mostra que o desafio não é apenas de oportunidade, mas de permanência, de reconhecimento e de valorização dos nossos talentos. Historicamente, a desigualdade não está apenas na distribuição da renda salarial. Ela também aparece na dificuldade de acesso a financiamento para pesquisas. Projetos liderados por pesquisadoras têm recebido menos recursos. A diferença entre as oportunidades nas regiões do País agrava esse panorama. Pesquisadoras do Norte e do Nordeste enfrentam barreiras ainda maiores quando o assunto é financiamento público de pesquisas científicas.

A diversidade é condição fundamental para a democratização da ciência e para ampliar a qualidade da produção científica. Por isso, esta gestão do Governo do Brasil, mais precisamente por meio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, tem trabalhado em uma agenda integrada de políticas para fortalecer a participação das mulheres. Nossa atuação vai do estímulo às vocações científicas na educação básica à formação avançada. Abrange também a inserção em áreas tecnológicas estratégicas, o empreendedorismo inovador, o reconhecimento e a presença feminina em espaços de decisão.

Mais do que isso, seguindo as diretrizes estabelecidas pelo presidente Lula, formulamos e implementamos políticas afirmativas e programas de incentivo à diversidade fundamentais para enriquecer a ciência e tecnologia brasileiras com a participação plena das mulheres na produção científica. Essa é uma ação estratégica de governo, uma política que busca excelência. É a compreensão de que a excelência científica, a inovação de impacto e o desenvolvimento sustentável do Brasil depen-

dem, necessariamente, do aproveitamento dos nossos próprios talentos.

Desde 2023, o acesso às bolsas de formação por pesquisadoras, da iniciação científica ao doutorado, cresceu. Iniciativas como o programa Futuras Cientistas; a chamada Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação; o programa Mulheres Inovadoras; o Centelha; e o Conecta Startup Brasil atuam nas mais diversas frentes. São ações que incentivam desde meninas a ingressar nas mais diversas áreas de pesquisa até cientistas e empreendedoras que já têm experiência suficiente para contribuir e ampliar a pluralidade do ecossistema de inovação. Essas medidas atuam no sentido de enfrentar desigualdades históricas de gênero e raça.

Há, ainda, bolsas de estudo exclusivas para mulheres, programas de mentoria e incentivos para a ocupação de espaços estratégicos. Os editais do CNPq, por exemplo, estão adaptados para as especificidades femininas, como o impacto da maternidade na produtividade acadêmica e a necessária prorrogação de prazos.

O caminho ainda é longo, mas a determinação de superar essa desigualdade é imensa. Nos últimos três anos organizamos uma política robusta, que além de atuar nos eixos normativos e de reconhecimento, valorizou e insistiu no fomento. Nesse período, foram investidos cerca de R\$ 1,7 bilhão em ações, políticas e programas voltados à participação feminina. O resultado disso é o sucesso de projetos importantes como o Programa Futuras Cientistas, as chamadas Meninas nas Ciências Exatas e Atlânticas – Beatriz Nascimento, e o Prêmio Mulheres e Ciência, entre tantas outras.

A ciência voltou e está do lado da mulher brasileira. Trabalhamos para consolidar esse conjunto de ações da Política de Empoderamento de Meninas e Mulheres na Ciência, Tecnologia e Inovação como uma política de Estado. Queremos que cada menina brasileira possa olhar para a ciência e se enxergar ali, não como uma exceção, mas como protagonista. Porque lugar de mulher é onde ela quiser. E, principalmente, na Ciência, Tecnologia e Inovação.

***Luciana Santos é ministra de Ciência, Tecnologia e Inovação do Brasil**